

Ulisses Sebrian.

V.E. S
Visão extrassensorial

*Ainda não sabemos do que somos capazes ou do que é capaz
a nossa mente e seu universo desconhecido.*

Boa Leitura.

Nº Registro- 511- 692 – Romance-Ficção.

Dedico esse romance aos profissionais da área de neurologia, psicologia, e paranormais e escritores que me ajudaram com suas experiências e vivências a entender um pouco desse universo.

Obrigado.

Há um som violento em todo ser, calado, escondido entre tantos que somos. Todos nós temos. Ninguém está livre da inquietude que nos agita, e nos faz ser um ser único.

Joel, um jornalista com atenuada acidez e insistente em sua profissão e bastante admirador de uma cerveja, sabia que estava prestes a perder o seu emprego. Um amigo lhe havia dito isso sem muita cerimônia, num boteco da Hodc lobo, num final de tarde logo após três Skol.

Não sei por que insisto ainda nessa vida, pensou logo Joel, que de longe ou de perto ninguém via nele se não uma beleza atraente. Alto, alourado de olhos azuis e fortes, não tinha barriga, nem tão pouco definição alguma de músculos tratados em academia. Era natural, como a sua insuportável visão das coisas, principalmente diante de um copo do líquido naturalmente bem pensado por Deus, que depois de criar à cevada e o processo de fermentação, idealizou-a, a cerveja.

Mas vai lá! Joel levou o dia com o mesmo peso de sempre, depois de uma noite só, depurada após um café forte sendo curado de sua bebedeira. Perderia o emprego mesmo!

Não sabia. Mas, sempre, onde há fumaça há alguém te fumando, com certeza. Alguém na redação além de saber alguma coisa a mais sobre a sua situação, alguém também não o queria ali. Vai ver tinha algum amigo dos editores recém-formado que queria o seu posto, ou alguém que tinha a intenção de deixar o seu emprego e trabalhar naquele jornal. Joel buscou em suas lembranças se alguma vez redigiu algum artigo contra alguma empresa patrocinadora daquele jornal ou político envolvido em escândalos fosse de qualquer natureza ou que tivesse algum “amigo” ali no jornal. Não procedia nenhuma dessas respostas. E sempre atuou como jornalista investigativo sobre crimes nessa metrópole, e sempre seus artigos saíam no caderno da cidade. Era, portanto um jornalista conhecido regional. Bem, por mais que justificasse não via razão alguma palpável para essa sua possível dispensa. Mas vá

lá, não era tão preocupante assim. Afinal, tinha o seu blog, amigos, juntamente com algumas dividas e poderia se virar por meses. Às vezes sentia os seus sentidos deixar a realidade e se meter em um canto da vida. Às vezes perdia os sentidos e muito comum desde que se sabia por gente. Sentia-se só, numa solidão que lhe deixava vezes horas e horas em silêncio em profundos pensamentos que não sabia ao certo onde ira dar. Havia sempre um caminho escuro e denso que caminhava e caminhava para perder novamente os sentidos e cair na realidade da vida em São Paulo novamente.

Ao chegar à redação naquela tarde, foi mesmo despedido, mas mesmo assim fez questão de entregar a sua última matéria e ao desligar o seu notebook, recebeu o amigo Ernesto que veio com um olhar amigo. Não havia de ser nada, encontraria um bom emprego, lhe confortou, e acrescentou que havia alguns provedores contratando jornalistas para os seus sites.

- É, vamos ver o que vai dar. – disse sem se importar muito com o fato. – Quer saber de uma coisa, *to nem ai* pra isso tudo. Vou descansar um pouco.

- Vai viajar?

- Não sei. Diga-me Ernesto, você já tinha ouvido o boato sob a minha dispensa?

- Não, fiquei sabendo hoje. Devia ser coisa bem pensada porque ninguém ficou sabendo.

- Eu fiquei sabendo ontem à noite.

- É... Não te disseram a razão!

- O de sempre. Ou o que de novo pode haver em desculpas para corta custos. Eu não, ou melhor, o meu trabalho não corresponde a necessidades da empresa.

- Uhhhh. Tem coisa grande por trás disso. Fica frio se eu souber de alguma coisa te falo.

- Eu sei disso. Você é um amigo.

Ernesto sorriu.

-Bom! Deixa eu me ir. Vou por interior. A polícia Encontrou um menino morto, vítima de algum psicopata pedófilo. Acredite meu amigo a humanidade está piorando.

- E quando fomos bons! - disse Joel e sentiu derrepente os sentidos o deixarem. Algo forte e desconhecido o arrebatou brevemente daquele momento.

-Joel! O que foi! – Joel se preocupou.

Joel recuperou os sentidos.

- Bebi demais ontem à noite!

- Cuida desse fígado amigão. Ele já esta reclamando!

Sorriram e depois se despediram. E Joel despediu-se de todos, logo depois do almoço o jornal já havia se ido de sua vida e lá estava ele em seu apartamento arrumando algumas coisas, trocando de roupa e decididamente foi tomar o seu chope e ver a tarde quente e raramente ensolarada da Avenida Paulista. Viu a noite chegar e voltou pra casa, com o fígado inchado, tomou o seu banho e dormiu.

Uma corda vermelha caiu sobre o seu colo o que não causou interesse algum na noite suave que continuava ignorando-os. Não, não era para o seu pescoço essa corda mesmo que se via envolvido em toda a situação. Caminhou seguindo essa corda, subia escadas moles afundando sob os seus pés e ao mesmo tempo ia à linha reta, via o sol a sua frente e quando olha para trás via que escalava um imenso mundo rumo ao céu. Se

olhasse para o lado via um imenso processo de criação de coisas tão pequenas que se formavam em formas todo tipo de forma. Rapidamente poderia sorrir de tanto prazer e então vinham luzes amarelas. Luzes amarelas acendiam e apagavam o ambiente, em que cobras, baratas, aranhas peludas aumentavam de tamanho em cada ascender e piscar de luz. Sua baixa estima estava crescendo. E então se ouviu insistentemente os acordes iniciais de um tango de Astor Piazzola... Joel acordou no meio de uma manhã depois do seu sonho, no toque do seu celular.

- Joel. Você está sentado meu amigo? Então sente!
- Ary, meu chapa o que foi.
- Doni foi morto. Com dois tiros na testa.
- Doni. O Donizete da Folha.
- Ele mesmo. Estamos aqui no velório do cemitério central. O Paulo do Estadão foi quem me avisou.
- Estou indo para ai. Mas que zica meu amigo.

Doni era amigo antigo. *Estava nas investigações policiais* desde antes de Joel nascer, e sempre dizia que a sua maior dor foi ter perdido um companheiro (Vladimir Herzog) nos porões subumanos no tempo dos covardes, como dizia. Ensinava os macetes e os bordões, estilos e técnicas de se aprofundar nos casos. Não, não apreendera isso na faculdade, pois não cursou faculdade alguma, foi no dia a dia com outros colegas e assim, o jornalismo sobre crimes na periferia, crimes e crimes, de dia a dia das pessoas foi-se encorpendo. Um homem, bom de papo, fã de Machado de Assis e Proust e torcedor confesso da

Portuguesa. Nunca quis aposentar, sempre disse queria morrer trabalhando e lá estava ele.

Como não chorar a morte de um amigo especial e admirado como Doni. A sua morte cravou no peito remoeu sentimentos antigos e desaguou em lágrimas. Que merda!

Outro amigo Paulo se aproximou. Ele é jornalista da Folha da Tarde e como todos ali também trouxe os olhos avermelhado pela morte do amigo.

- Está ficando pior! Muito pior. Estão matando jornalistas e não são militares nem agentes repressores, são criminosos.

- Doni morreu como quis. - comentou Ary.

- Tenho as minhas dúvidas. A gente morre mesmo como quer! Alguém quer morrer. – acrescentou Ezio que sempre foi companheiro por trinta anos na mesma Folha, agora trabalhava no Agito da Madrugada, um site que só relata o que acontece na madrugada e que foi o primeiro, a saber, da morte de Doni e avisou Paulo que avisou Ary e avisou Joel.

- Foram traficantes que matou o Doni?– perguntou Joel.

- Não. Era um caso novo, acredite vocês, falei com ele anteontem e ele estava entusiasmado. Não sei se vocês já tão sabendo de um bando que anda assaltando as mansões do Morumbi casas na zona oeste, Ipiranga e algumas casas até da zona Leste, no Tatuapé. E pasmem vocês, É um bando de lésbicas. Além de assaltarem elas estupram a dona da casa se for boa...

Todos riram controladamente. Como riria também Doni. Não, não era de se acreditar, e não sabiam desse caso.

- É recente, persistiu Paulo, tem apenas duas semanas. A polícia não consegue chegar a uma pista. Elas são muito boas no que fazem! E além do mais, pasmem vocês, algumas vítimas são senhoras e até que gostaram, não colaboram com a polícia denunciando ou descrevendo o retrato falado. Devem ter problemas com os maridos. Aliás! Foi um marido quem denunciou essa quadrilha. Deveria estar inconformado!

Todos sorriram contidos.

- Eu sempre soube que tinha mais lésbica do que *viado* nessa cidade, apesar de parecer o contrário. – Acrescentou Ary.

Todos riram novamente, controladamente. E Doni certamente estava entre eles, era aquele o seu espírito.

Foi enterrado com a presença de metade mais um dos profissionais da imprensa de São Paulo, presente. Mais um bom profissional e cidadão que o crime da cidade de São Paulo eliminava.

“A cidade mais feia e violenta que amarás.”

Depois na saída do cemitério, Ary pediu um tempo para Joel.

- Eu soube que você foi demitido. E por qual motivo? – Ary foi direto, como sempre.

Joel sorriu.

– Só Deus sabe!- sorriu.

Ary sabia do profissionalismo de Joel.

- Onanias, nunca foi com a minha cara. Ele certamente colocou alguém de sua mão no meu lugar. - disse tranquilo.

- Onanias! Como um profissional desses persiste. Já sei como diria Doni, é a democracia tem que ter espaço para todos até

mesmo para os reles e impróprios como ele. Ei, porque você. Não pega esse caso. Agora você está parado, faz um bico. Investiga e vende pra algum jornal. Joel, quem sabe você não consegue um...

- Um. Bico...

- Não quis dizer isso.

- Já deve ter uma dúzia de jornalista em minha frente.

- Mas quem sabe você chega primeiro e com novidades que outros não têm. Ora. Porque você se trava tanto assim?

- Diga-me, você acha que eu tenho talento.

Ary percebeu a queda de Joel.

- Meu amigo, isso não é arte. Talento quem tem é artista, escritores, alguns atletas. Jornalismo é dom e querer investigar dedicar-se e ser pontual. O seu mal é que você bebe demais e escreve de menos. Vamos lá! Se dê essa chance, vai afundo nesse caso quem sabe... Você não confia no seu poder de dirigir a sua própria vida. Vai ai ficar atendendo pedidos fantasmas nessa nihilidade absoluta... E...

- Nihilidade? E ainda absoluta?

- É sim, eu li Monteiro Lobato esses dias, O Presidente Negro, e vi essa frase. Cai perfeitamente em você. O personagem se sentia assim, um nada...

- Vamos tomar alguma coisa?

- Tá feito.

Sentados tranquilamente num bar ali na Av. São João, nem perceberam que Germano Matias, um dos deuses do Samba

original de raiz na cidade de São Paulo, força criadora que contraria a teoria de Vinicius de Moraes que São Paulo, foi tumulto do Samba, passou sustentando o seu figurino e olhar perspicaz e observador sobre as coisas. O tempo queria chover. E Joel beliscou mais uma porção ouvindo atento Ary relatar o seu lamento por aquela avenida. Um dia pessoas chiques e intelectualizadas frequentaram esses cinemas, agora exclusivamente cinemas pornôis.

- Dá pra acreditar o que o tempo faz com as coisas...
- Tudo é fase.
- Acredita nisso.
- Fases. Uh! E como não.

Ary ia dizendo sobre o crime, insistindo para que Joel investigasse o caso por conta própria e depois vendesse para algum jornal ou blog. Joel estava pensando claramente comprando a ideia quando foi tomado por uma breve ausência de seus sentidos. E quando voltou uma leve fragrância tocou o seu nariz sob a voz de Ary. Joel olhou para a direita onde sentiu vir à fragrância e viu que uma jovem vestida de preto encostada ao balcão e pedindo um Marlboro trazia esse aroma novo. Só podia ser ela com esse perfume estranho, que passara pelas suas costas e deixara aquela fragrância impregnar-lhe. Tratava-se de um aroma estranho, cheirava qualquer coisa nova forte no início e depois se suavizava. Era amadeirado, era doce, era inebriante. A moça tinha pernas longas e vestia de preto, cabelo vermelho e bastante perfurado por piercing posts e outros tirados. Orelhas, umbigo a mostra, na bochecha e no nariz. Ela pagou o cigarro, se foi como entrou e o aroma persistiu.

- O que foi?

- Foi?
- Conhece a moça?
- Nunca a vi antes!
- Mas você a devorou com o seus olhos!
- Foi é! Acho que a confundi com outra pessoa!
- Entendo! – disse Ary.

Depois ainda quando ia pra casa, logo que tomou mais umas e despediu de Ary, o aroma ainda persistia. Leve, mais a lembrança do primeiro cheiro àquela fragrância. E paradoxalmente um amargo sentimento lhe veio e depois num breve sentimento tétrico pensou em voltar ao cemitério para despedir, falar, com o amigo que se foi. Porque persiste nessa coisa de falar com os mortos. A gente às vezes mal da conta de nossa vida. Não, não aceitamos a ida das pessoas, algumas ficam falando com a gente, obviamente. Mas naquela noite não ia ao cemitério. Não ia tomar mais nada, pretendia cair na cama e deixar os melhores sonos vir e tomar toda a sua existência.

Mas ali na av. Cruzeiro do Sul, achou ter visto o seu amigo... Ah, e então um Maverik preto e turbinado, cruzou a frente de seu carro. Era dirigido por três mulheres, pararam no semáforo. Vidros traseiros escurecidos por isofilmes, e o vidro aberto do lado do motorista onde se via claramente o rosto de uma mulher de mais de meia idade, um tanto gorda, surrada por muito cigarro e cabelo vermelho. Falava tensa, para uma das outras passageiras. E antes do sinal abrir, Joel observou que pareciam que pretendia alguma fuga. O sinal abriu, elas seguiram. Não que ele fosse um estudante de fisionomia e suas expressões, nem médium, mas intuiu que elas fugiam. Iam se

esconder. Talvez. Talvez fosse a sua mente livre e tensa agora pelo desemprego e antes que concluísse qualquer razão, lá estava seguindo-as. E não lhe veio o medo ao ver novamente o rosto cáldo e bastante enigmático de seu amigo, expresso no retrovisor. Não teve tempo de se perguntar o porquê, nem olhar para trás e ver se realmente via-o, o Maverik que seguia deixou-o um semáforo à frente e estacionou na frente agitada de uma boate singular, A Tesoura. Duas ruas à esquerda depois da estação do metrô Santana. Joel estacionou alguns metros atrás e observou três mulheres descer do Maverik e entrarem calmamente na boate, enquanto ao banco traseiro de seu carro e não havia ninguém. Era ilusão. Doni, nunca esteve ali.

Uma música infernal bateu-lhe nos ouvidos depois de quase cegar por luzes de led intensas e piscando. Uma banda só de mulheres gritava um heve metal em português. Garçonetes e seguranças morenas e encorpadas insistiam que ali era uma boate gay, gay feminina. Ele era o único homem. E é desconfortável depois de alguns minutos ao ver que todas as mulheres o observavam. Olhares inquisidor, algumas mulheres pareciam esconder-se, e nada poderia impedir a sua entrada ali naquela boate, mesmo a marcação serrada das seguranças, até que uma mulher sexy e sorridente aproximou-se, apresentou-se como gerente da casa. E pediu que ele aproximasse até um lugar menos barulhento.

- É uma banda ainda desconhecida?

- Ah não! Apenas no circuito femele ela é conhecida.

- Estritamente gay?

- Sim. E como o senhor pode perceber aqui é um lugar para esse público. O senhor certamente ao ver tantas mulheres pensou que se tratasse de um inferninho de prostituição em que

os homens estão acostumados! Por isso eu peço que o senhor de meia volta e se retire.

- Não, não pretendo causar transtorno algum. Eu sou jornalista e faço uma matéria sobre o circuito *off* dessa cidade.

Ela sorriu.

- Por favor, entenda, há senhoras mãe de família aqui que não podem ser vistas. Não querem ser vistas.

- Não trago câmera alguma. E além do mais essa banda é muito interessante. – insistiu Joel.

- Pamela. Meu nome é Pamela – apresentou –se.

- Joel! Como disse sou jornalistas!

- Sim entendo. Mas, por favor, fique distante da vista de todas. Elas querem dançar juntos, beijar, coisa que mulheres não pode fazer com outra mulher por ai. Se é que me entende.

- Sim claro. Não ficarei muito. Eu gostaria de saber se posso citar a sua boate em minha matéria?

- Não, por favor! Como eu disse é um lugar discreto e assim queremos manter.

- Entendo!

- Entende mesmo? As pessoas lá fora não entendem não!

- O velho preconceito de sempre!

-Eu diria que não é preconceito Sr. Joel. Eu diria que se trata de um conceito. Conceito que não respeita a diversidade e o gosta alheio.

- Tem razão.

Pamela então respondeu algumas perguntas. Joel ficou satisfeito depois ela se foi dizendo para ele não demorar muito e encabular as meninas. A noite que foi indo bem. Joel encostou-se a um canto não pediu bebida alguma e viu que as seguranças deixaram-no. As cores piscando da boate, escuro e claro, confundiam a visão e o fez perder de vista as três mulheres do Maverik. Resolveu então sair da boate e montar tocai no seu carro. Olhando insistentemente para o Maverik ainda ali estacionado. Começou chuvejar depois parou. Ouviu Tom Zé na rádio e então uma das mulheres que seguia sairá da boate. Era a mais nova, parecia ansiosa, fumava, bebia no gargalo da garrafa, impaciente parecia esperar alguém. Olhou o seu rosto, jovem, trazendo os traços de uma adolescente. Piercing pelo corpo. Não parecia com menina da fragrância marcante que ainda no bar da Av. São João viu entrar. Não, reconhecia aquele rosto. Logo veio a mais velha, brava dominante, pego-a pelo braço e forçou-a entrar novamente na boate. Ela se recusou. Um grito. Joel abaixou o volume do rádio. Um tapa na cara, um empurrão e a jovem foi para o chão, sob o olhar complacente e passivo das seguranças que sabia ser coisa de um casal que não era a primeira vez que brigavam. Então ela voltou para a boate e a jovem se levantou chorando e começou a caminhar como quem indo embora, certamente iria pegar o metrô a dois quarteirões à frente.

Joel desceu do carro, trancou-o e a seguiu. Viu que uma das seguranças o viu, e entendeu que teria que ser rápido. E se perguntou o que o levava até aquela garota. Subitamente os sentidos o deixaram, causando um tranco. Joel se equilibrou, respirou fundo e conseguiu seguir com sua busca.

- Você tem um cigarro. – perguntou ao aproximar dela. Ainda tinha lágrimas nos olhos e então rapidamente o aroma do perfume sentindo ainda à tarde lhe veio, incrivelmente era a

mesma menina. Como pode se enganar, o cheiro o comprovara. Ela olhou assustada para ele. Mas logo percebeu que ele é que estava com certo susto em vê-la.

- Você não parece alguém que fuma!
- Marlboro!
- Como sabe?
- Intuição.
- Esta difícil achar esse cigarro, quando não é da China.
- Umh. Eu também não gosto de pirataria. Você é roqueira?
- Não sou artista plástica. Porque pergunta?
- Pelo seu figurino.
- Figurino. – ela riu. – Tá bom! Faz tempo que não ouço essa designação. Figurino. Qual é cara. Quer *parada tá mandando?*
- Um cigarro!
- Merda. Não seja imbecil. Eu não sou *Mané*.
- Acredito.
- Não gosto de homem. Você fala estranho.
- Sou jornalista. E faço matérias sob o circuito alternativo. Eu estava na boate.
- Eu te vi. Bom! Esta vendo agora sim da para a gente conversar.
- O que?
- Você está falando a verdade!

Joel sorriu.

- Que perfume é esse?
 - T.
 - T?
 - Somente para entendidas. Compro lá na Vila Madalena uma barita que faz experiência com café, e extratos da mata atlântica. Gostou.
 - Muito, é diferente.
 - Você é *viado*?
 - Não. Por quê?
 - Porque é um perfume para homem atrair mulher, no nosso caso as ativas atrair as passivas.
 - Joel é o meu nome.
 - Kátia! Prazer! Diga o que quer saber.
 - Sobre esse mundo de vocês!
 - Lésbicas!
 - Também! E do mundo da música e da noite! Podemos marcar uma hora.
 - Claro. Anote o meu celular.
- Trocaram os números e antes que um sorriso selasse certa simpatia inicial de amizade, o Maverik apareceu cantando os pneus e entrou bruscamente na calçada esburacada e mal cabendo os dois. Violentamente Kátia, foi mirada pela motorista e abaixou a cabeça.
- Vamos entre logo – disse a mesma que há minutos antes havia espancando-a.

Kátia entrou e então foi tomada por um beijo longo e demorado. Carinho e paixão deram a exata sensação a Joel que foi usado. Saíram, e Kátia deixou um breve tchauzinho. Joel achou que a noite havia ido longe demais. E acrescentou o quanto Kátia era lacônica e direta.

No dia seguinte enquanto ouvia Chega de Saudades na voz de Tom e Vinicius, ia pra Vila Madalena. Dormira e acordara com aquela curiosidade incontrolável em saber mais sobre aquela menina. Não teve mais ilusões, pensou duas vezes em ligar para Kátia. E descobriu que o número do celular pertencia à outra pessoa. Tinha mesmo que ir para a vila Madalena, se ela também falava a verdade sobre o perfume. Aquela fragrância ainda viva em seu nariz poderia lhe dar uma pista. Não sabia ao certo, mas intuía. E certamente deveria voltar dia desses a aquela boate Tesoura. Suavemente Renato Russo começou a cantar com Cássia Eller como parecia à música casar-se contigo, as estações mudavam, sentia algo de novo mudando a sua vida. Que merda! Desempregado e impregnado em sua curiosidade por uma fragrância exclusiva para lésbicas. Onde em Vila Madalena. Entrou numa padaria, tomou café, perguntou sobre perfumaria. Ninguém sabia. Tentou ligar novamente para Kátia, número errado. Rodou ruas e curvas, andou a pé, almoçou no final de tarde e obviamente teria muito trabalho.

Entrou em uma loja do Boticário. Quem sabe ali alguém poderia conhecer uma perfumaria artesanal. Mas ninguém conhecia outra perfumaria além das convencionais e comerciais. Lista telefônica, quase duas horas doze cafezinhos e nada de uma perfumaria, Até que subitamente encontrou uma feirinha próxima a praça do metrô. Ali, rodou entre tantas

coisas que desconhecia e nada. Atreveu a perguntar a uma feirante e finalmente descobriu uma perfumista que até semana passada tivera uma barraca com perfumes especiais ali e que ela própria comprara uma fragrância especial para uma nissei que sente atração por mulatos, desses que são mistura de italianos com pretos. Claro, só podia ser a Vila Madalena.

- Experimenta! Prova e vê se você gosta.

Era diferente, apimentado como se rosa sai-se primeiro depois... Depois ainda nunca sentira nada igual, mas era mais fraco do que a fragrância usada por Kátia.

- Janaina é o nome dela. Teve problema com os fiscais aqui, e agora está lá na zona leste. Na estação Artur Alvim, naquela pracinha do metrô. O Senhor Conhece?

Artur Alvim! Não o terrível trânsito àquela hora da noite não permitiria chegar antes das 21, e Janaina, já não estaria mais lá certamente. Rumou para a boate T e antes de qualquer conclusão precipitada viu novamente o Maverik ali estacionado. A boate estava mais cheia do que costume naquela noite de quinta-feira. Estacionou discretamente no outro lado da rua e pacientemente observara entrada e saída. Mulheres gatas, jovens, lindas, feias, discretas e chamativas. Por mais que ainda entendesse as coisas tão complicadas da vida, não acostumara o porquê certas mulheres preferem outras mulheres. Sentiu vontade de beber, tentou ligar a chave do carro e viu que a mais velha e motorista do Maverik saiu com outra gatinha, sorrindo e sedenta por essa conquista. Kátia não fazia parte desse momento, pelo menos ali naquele instante. Joel sentiu os sentidos os deixar rapidamente. Agora era um sentimento forte, que o levou a cair sobre o capô de seu carro. As seguranças olharam com estranheza. Um dor em sua cabeça dominou por alguns minutos e depois sumiu, desapareceu

dando-lhe um alívio. Joel entrou em seu carro e seguiu o Maverik.

Sentiu que a noite era propícia para satisfazer a sua curiosidade. Sim simplesmente satisfazer a sua curiosidade. Talvez não. Tinha uma intuição forte sobre algo qualquer que deveria saber sobre aquelas lésbicas. Sempre foi ateu e nunca acreditou em nada mais do que a realidade do dia a dia. Mas essa intuição intensificava dia a dia. Desde, desde que aquele maldito sonho somou a morte de Doni, e por alguma razão mesmo que o via, intuía. Intuía. Não encanou qualquer poder sobrenatural, com certa sabedoria que vinha de dentro alimentando a sua curiosidade. As seguiu.

Semáforo abertos. O Maverik seguia mais para o norte da zona norte. Entrou num motel, talvez motel para lésbicas. Esperou-as, saíram exatamente 01h33min minutos depois. Seguiram para a zona leste, num condômino de luxo no Tatuapé. Entraram, e meia hora depois Joel surpreendeu-se ao ver a mesma motorista do Maverik preto, dirigir agora um Audi A3 também preto, com películas escuras em seus vidros e naquele breve instante de vidros abaixado, esperando que o porteiro lhe entregasse alguma chave. Seguiram para a Vila Madalena e estacionaram-se num sobradinho próximo a uma praça singela. Desceram as duas e entram nesse sobrado. Joel passou a noite ali, e aquelas duas certamente também. Veio o dia e lá estava ainda o Audi A3 estacionado na porta do sobrado. Fome, vontade de mijar, de tomar um café. Esticar as pernas. Mas Joel manteve-se firme às vezes achando-se ridículo, às vezes se perguntando brevemente o porquê de tanta persistência. Joel sentia a sua intuição mais forte do que antes a avaliava e intensificou-se depois do sonho e da súbita dor de cabeça na noite passada enfrente a Boate T.